

A Arcádia

Órgão de história – Publicação semanal

ANO I Sexta-feira, 20 de março de 2015 N° 02

FURNA DO CABOCLO

Para visitar uma das mais falladas necrópoles desta raça, abrangendo uma grande furna da serra da Canastra, nos limites da Comarca de Areia com a de Campina Grande, tive que arriscar a vida, por estar ella em posição quase inaccessível, a centenas de metros de altura.

Não posso explicar o motivo que teve a tribu que habitou aquella sertão, para esconder alli os ossos dos seus maiores.

Dentro daquelle imenso e singular ossuário, eu o percorri em todos os sentidos, pisando o pó fino que os séculos tinham accumulado em seu solo granítico, procurando nas paredes, cheias de riscos amarellados, um signal que explicasse o mysterio.

Representaria ella a época colombiana, ou se remontaria até origens da humanidade, ao homem das cavernas?

Esses vestígios, que talvez servissem de senda luminosa a um sábio, em nada satisfizeram a minha curiosidade de simpes turista.

Apesar da devastidão exercida por visitantes ignorantes ou sem amor à sciência, que me precederão em diversas épocas, lançando os craneos de serra abaixo, pude ainda encontrar um inteiro e diversos outros ossos, que remeti ao Museu, por ocasião de sua exposição anthropológica.

Mas... o Museu talvez não julgasse o presente digno de apreço. I. Jóffily

- BRASIL, Jornal Edição de quinta-feira, 24 de setembro. Rio de Janeiro/RJ: 1891.

UMA CADEIA SEM PRESOS

A cadeia pública de Esperança foi edificada nos anos 50, na rua do Prado, hoje, Alfredo Regis, onde até hoje, existe. Nunca foi inaugurada. Esperava-se que a inauguração acontecesse, quando fosse trancafiado o primeiro criminoso. Comentava-se na cidade que a primeira pessoa a ser presa, levaria uma pisa, em sinal de inauguração da cadeia. Ainda a respeito da cadeia, aquele presidio passou anos sem ter ninguem preso.

Esse fato ocorreu justamente nos anos 50, quando Esperança tinha fama de cidade calma, e, realmente, era absolutamente calma, tranqüila, a ponto de dormirmos de portas abertas. Lembro-me que, quando passeávamos pelas ruas da cidade, e, ao passarmos na frente da cadeia, as grades estavam todas abertas, sem ninguém, como se estivesse abandonada pela administração pública. Durante o periodo do inverno, o mato crescia no interior do prédio e os proprietários de rebanhos caprinos levavam as ovelhas e bodes para pastarem durante o dia todo. Com o aumento da população e o desenvolvimento do municipio, cresceu a violência, chegando ao ponto que está agora. A cadeia está superlotada de jovens, lamentavelmente.

João de Patricio

PAGINA ELEGANTE

* * *

FRUCTO DE SANGUE

*Esta ausencia, na Dór omnipotente,
de um bem terreno que me reconforte,
no trabalho obscuro do Presente,
ha de florir para a sazão da Morte.*

*Por isso, esta columna de éreo porte
que então levanto, pacientemente,
quero-a condigna, para que suporte
um capitel de frutos e semente.*

*Mas, quando, á hora esquecida do futuro,
passando, descobrises, sazornado,
algum dos pomos, viandante arguto; —*

*o mais vermelho é que estará maduro;
e, si o abrires, abre-o com cuidado,
porque só sangue encontrarás no fruto!*

Fon-fon, Ano XVII, N.
39 - 29-09-1923.

SILVINO OLAVO.

VERME HUMANO

Gloriosa vida humana
Que emerge do pó
e às cinzas retorna...

A toda soberba ufana
Sujeita debaixo do sol
que o pecado adorna.

Ei-la toda ela profana
Navegando entre o atol
onde o mar transborda.

Nosso mar de lama
Destino do arrebol
até que um dia acorda!

Não é mais a fama
Não há nada, nem o sol
apenas a alma calhorda.

E fim...

Rau Ferreira

A rua da Urtiga localizava-se no final da antiga rua Quintino Bocaiúva, cruzamento com a rua João Mendes. Tinha este nome porque era caminho para a zona do baixo meretricio, que na época era cercada por avelozes e urtigas de um lado, e do outro uma série de quartinhos e bares.

Também fora assim denominada porque, metaforicamente, era um caminho árduo ou complicado para aqueles que pretendiam segui-lo, ou para referenciar aquelas pessoas que povoavam esses ambientes, como sendo de personalidades ásperas, difíceis e de onde usualmente resultavam brigas e confusões. De uma forma ou de outra, quem descia por aquela viela não ficava imune a críticas fervorosas das beatas e carolas daquele tempo.

Hoje o lugar encontra-se revitalizado e é uma das áreas nobres da cidade, onde residem pessoas distintas e que tem escola, templos religiosos, posto de saúde e um pequeno comércio, com realização de festas comunitárias frequentadas por toda a sociedade.

História Esperancense

A Arcádia - Jornal
de história

Publicação Semanal -
Ano I, N° 02

historiaesperancense@
gmail.com

Redatores: Rau Ferreira
e Evaldo Brasil

Aceita-se produção
textual e contribuições

ANÚNCIOS À COMBINAR

LOJA BRAZIL

DE

DOGIVAL
COSTA

Tecidos em goosso e varejo

Av. Senador Epitácio
Esperança - Parahyba

Propaganda dos anos 50

LANCHONETE GULA MANIA

De

Rosens Ferreirs

Completo sortimento, lanches
variados, balas e pipocas.

Rua Solon de Lucens, 112

Esperança - Parahyba